

FRAUDE, FOME E FASCISMO

O mito do genocídio ucraniano
De Hitler para Harvard

Douglas Tottle

Sobre o autor

Nascido em Quebec, Douglas Tottle passou a maior parte de sua vida no ocidente do Canadá. Tottle trabalhou como um fotógrafo e técnico de laboratório fotográfico, artista plástico, mineiro subterrâneo, e como um trabalhador siderúrgico. Um sindicalista ativo, Tottle editou o jornal dos Sindicalistas Unidos, "*O Desafiador*", de 1975 até 1985, durante o tempo em que o material recebeu mais de 20 prêmios internacionais e canadenses do jornalismo trabalhista. Tottle também trabalhou como um pesquisador da história do trabalho, e como um organizador. Durante os anos 70, ele auxiliou a unidade organizadora dos trabalhadores agrícolas na Califórnia e trabalhou com os trabalhadores agrícolas nativos indianos em Mabitoba. Tottle escreveu para vários periódicos, revistas, e jornais trabalhistas, canadenses e estadunidenses.

Para Shayndeleh, minha irmã e amiga

Agradecimentos

Eu estou profundamente em dívida com muitas pessoas do pano de fundo ucraniano, tanto com os nascidos no Canadá e da imigração pós-guerra, que compartilharam comigo o seu conhecimento pessoal dos eventos discutidos neste livro. A sua assistência em traduzir materiais necessários é bastante apreciada. Eu gostaria de agradecer particularmente àqueles da imigração pós-guerra, que tiveram a coragem de oferecer ou verificar informação sobre a presença de antigos nazistas criminosos de guerra e colaboradores presentemente escondendo-se atrás do bom nome da comunidade ucraniana canadense. Nem desejo eu esquecer a valiosa assistência dos ucranianos acadêmicos de quatro faculdades pelas suas avaliações, críticas e encorajamento na preparação desse livro.

Finalmente, eu estou honrado pela minha experiência com judeus sobreviventes do Oeste da Ucrânia e Polônia. Eles relataram a mim a sua experiência de massacres ucranianos nacionalistas e recolhimentos policiais, verificando a experiência de outros com ucranianos nacionalistas como ferramentas voluntárias dos nazistas na cidade, país e campos de concentração. Particularmente auxiliadoras foram as memórias pessoais e considerações escritas tornadas disponíveis para mim pelos judeus galegos que sobrevivem aos campos de morte ou que sobreviveram nas florestas. O Canadá é grandemente enriquecido pela sua presença entre nós. Sem a sua inspiração, que me encorajou grandemente a chegar à verdade em todo um número de questões, esse livro não poderia ter sido finalizado.

Introdução

Desde os primeiros dias da revolução russa até o presente, campanhas de propaganda têm sido conduzidas contra a União Soviética. Aqueles em posições de poder em países capitalistas vêem o socialismo como uma ameaça à continuação de seu lucro e privilégio. Tanto para minar o apoio de uma alternativa socialista no país, e para manter uma posição dominante nas relações internacionais econômicas e políticas, toda a sorte de mentiras e distorções é empregada para converter a URSS em uma luz tão negativa quanto possível. Estereótipos e caricaturas vieram a dominar o entendimento de muitas pessoas da história soviética e sua realidade presente.

As questões particulares dessa guerra psicológicas possuem vasto alcance e têm às vezes curta duração. A idéia de que a revolução socialista "nacionalizou crianças" - a explicação para a creche, de meu professor, anos atrás - há muito tempo desvaneceu na história. Alegações americanas (em 1981) da guerra química soviética no sul da Ásia - "chuva amarela" - eventualmente desabou quando foi demonstrado por cientistas que a substância química do escândalo era esterco produzido naturalmente por abelhas em vôo. Mas são as acusações que são lembradas; as retratações, se sequer feitas, são relegadas às páginas de trás dos jornais e esquecidas. As várias campanhas juntam-se para dar forma às percepções populares no serviço de fins políticos.

Esse livro é a história de uma campanha que durou. Baseado na tese de que a fome de 1932-1933 na Ucrânia foi um "genocídio" de ucranianos deliberadamente planejado pelo governo soviético, a campanha de fome-genocídio veio à tona intermitentemente nas últimas cinco décadas. O renascimento em 1980 da campanha da fome-genocídio buscou ganhar aceitação dessa teoria na historiografia. Contudo, enquanto historiadores aceitam que fome ocorreu na Ucrânia em 1932-1933 - assim como em outras áreas da URSS -, eles ainda estão debatendo as causas, a extensão e resultados. A minha análise da campanha e suas acusações do "genocídio ucraniano" não intenciona estudar a fome de nenhuma maneira detalhada. Não obstante, umas poucas palavras estão ordenadas.

A revolução russa em 1917 foi seguida pela intervenção militar de catorze poderes estrangeiros (incluindo os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e o Canadá) e uma guerra civil estendida. A destruição de sete anos de guerra, revolução e intervenção, combinadas com seca severa, resultaram em fome vastamente difundida - a fome russa de 1921-1922. Tendo sobrevivido a essas provações, os soviéticos traçaram um curso que não possuía precedentes na história do mundo: a construção de uma sociedade socialista. Eles tentaram transformar uma terra atrasada empestada pela miséria e analfabetismo em um país industrializado com um setor agrícola moderno. Isso foi visto pelos soviéticos como necessário não somente para o desenvolvimento econômico e social, mas também para a própria sobrevivência do socialismo em ambiente internacional hostil. No começo do século 30, a tomada japonesa de Manchúria e a apreensão de poder de Hitler na Alemanha foram vistas como particularmente alarmantes.

A coletivização em massa da agricultura e um ambicioso programa de industrialização foram os feitos centrais dos primeiros cinco anos do plano iniciado em 1929. A coletivização se deparou com uma oposição ativa de uma porção dos camponeses, e em muitas áreas a resistência se aproximou à escala de guerra civil. Seca (um fator complicante), sabotagem difundida, planejamento soviético amador, excessos e erros stalinistas causaram a fome de 1932-1933.

No decorrer da campanha fome-genocídio, no entanto, os fatores da seca e sabotagem foram sendo ignorados, negados, menosprezados e distorcidos. Excessos e erros soviéticos, em contraste, são enfatizados, a eles dado uma motivação "anti-ucraniana", descritos como conscientemente planejados, e os resultados exagerados em multi-milhões em representações das mortes por fome.

Fotografias fraudulentas e evidência suspeita são extensivamente usadas para enfeitar as acusações de "genocídio", e são na verdade as imagens dominantes da campanha. O volume completo de material não autêntico usado para apoiar a alegação de genocídio deveria por si só ser uma base para uma inteira rejeição de uma tese tão duvidosa.

Exposta pela imprensa nazista em 1933, a campanha de fome-genocídio deslocou à Grã-Bretanha em 1934, e aos Estados Unidos no ano seguinte. Na Alemanha, um país com uma história de fortes movimentos comunistas, socialistas e de sindicatos, os nazistas criaram a primeira campanha de propaganda (1933-1935) como parte de sua consolidação de poder. Na

Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, por outro lado, a campanha seguiu como parte dos esforços da direita para manter a União Soviética isolada e fora da Liga das Nações. Também serviu para desencorajar o crescimento da militância da classe trabalhadora na Grande Depressão.

A campanha de fome-genocídio encontra os seus promotores mais ardentes entre os ucranianos nacionalistas. (O termo ucraniano nacionalista é usado aqui e no decorrer do livro para denotar a minoria fascista e de direita na comunidade ucraniana, dentre os quais o objetivo é uma Ucrânia "independente" em uma base anti-socialista. O autor de forma alguma procura identificar esse nacionalismo extremo com a nação ucraniana ou com as pessoas de origem ucraniana em geral). Foi dada à campanha forte impulso no período pós-guerra com a chegada de vários milhares de ucranianos nacionalistas na América do Norte. Entre os bons imigrantes nos anos após a guerra, estavam milhares de antigos colaboradores e simpatizantes nazistas. O seu interesse direto na campanha coincidiu com a propaganda da guerra fria daquela época.

O clima da guerra fria da era de Reagan viu um renascimento da campanha, superando aquelas de 1930 e 1950. Enquanto filmes como "*Rambo*" e "*Amanhecer Violento*" ocuparam a fase de fantasia desse ataque político no intelecto da cultura ocidental, a exumação da "fome-genocídio ucraniana" tem a intenção de levar o ataque ao domínio de pseudo-história. A campanha, além disso, serve para distrair a atenção das investigações recentes dos crimes de guerra cometidos pelos colaboradores nacionalistas, agora residentes no ocidente.

O historiador estadunidense Arch Gerry comentou: "Nós poderíamos lucrativamente nos admirar acerca do ressurgimento da história da fome intencional agora mesmo. Parece ser parte da campanha dos ucranianos nacionalistas promover a idéia da "fome do terror" no Oeste... a não tão escondida mensagem por trás da campanha coincide com as agendas políticas de longa data dos grupos de imigrantes: dado que os soviéticos poderiam assassinar tantas pessoas de seu próprio povo, não poderiam eles desejar iniciar uma guerra destrutiva a fim de espalhar a sua doutrina maligna? Porque os soviéticos são como os nazistas, nós devemos evitar conciliação, manter a nossa vigilância - e parar de deportar à Europa Oriental acusados de crime da segunda guerra".¹

No geral, as motivações específicas da campanha dos nacionalistas são consistentes com os objetivos da política externa da direita mais ampla. Confrontação na guerra fria, ao invés de verdade e entendimento históricos, caracterizou a campanha fome-genocídio. Cortando inteiramente a teia emaranhada de evidência fraudulenta, conexões nazistas e fascistas, encobrimentos de colaborações em tempo de guerra, e pesquisa acadêmica questionável, é a minha esperança que esse livro contribuirá para expor o mito político do genocídio ucraniano. O estudo histórico da fome de 1932-1933 merece uma abordagem objetiva e não propagandística.

¹ *London Review of Books*, 22 de Janeiro de 1987.

Capítulo Um

Thomas Walker O Homem Que Nunca Existiu

Em 1898, era interesse de negócio estadunidense, incluindo das companhias de açúcar, que os Estados Unidos confiscassem Cuba. Um pretexto era necessário para construir um sentimento pró-guerra entre o público estadunidense. A história seguindo esse rumo, William Randolph Hearst, da imprensa americana, ordenou o notável artista Frederick Remington à Cuba para encontrar evidência de condições que justificariam a intervenção militar estadunidense. Não encontrando nada além do ordinário, Remington mandou o telegrama a Hearst: "Tudo está calmo aqui... eu desejo retornar". Hearst respondeu: "Por favor, permaneça. Providencie as fotos e eu providenciarei a guerra."²

No outono de 1934, um americano usando o nome de Thomas Walker entrou na União Soviética. Após ficar menos de uma semana em Moscow, ele passou o restante da sua jornada de trinta dias em trânsito à fronteira da Manchúria, ponto a qual ele deixou a URSS para nunca mais retornar. Essa aparentemente inofensiva jornada foi o pretexto para uma das maiores fraudes já perpetradas na história do jornalismo do vigésimo século.

Alguns quatro meses depois, em Fevereiro de 1935, uma série de artigos iniciaram na imprensa de Hearst, por Thomas Walker, "notável jornalista, viajante e estudante de negócios russos, que passou diversos anos excursionando a União da Rússia Soviética". Os artigos, aparecendo na *Chicago American* e *New York Evening Journal*, por exemplo, descreviam com uma prosa de arrepiar os cabelos uma fome gigantesca na Ucrânia, que, conforme alegado, arrougou "seis milhões" de vidas no ano anterior.³ Acompanhando as histórias, haviam fotografias retratando a devastação da fome, as quais foi alegado que Walker tirou clandestinamente, sob as mais "adversas e perigosas circunstâncias possíveis".



² James Creelman em *Pearson's Weekly*, Setembro de 1906.

³ Veja, por exemplo, Thomas Walker, "6,000,000 Starve to Death in Russia"; "Children Starve Among Soviet Dead"; "Bodies of Soviet Famine Victims Robbed"; "Soviet Drafts Men, Starves Women"; "Starvation Wipes Out Soviet Villages"; *New York Evening Journal*, 18, 19, 21, 25, 17 de Fevereiro de 1935, respectivamente.

As histórias e fotos falsificadas de Thomas Walker apareceram na imprensa de Hearst em Fevereiro de 1935. Outras fontes alegam diferentes fotografos, anos e temporadas para essas fotos limpadas anteriores a 1930, que também demonstram evidência de alteração e retoque. Esse excerto do *Chicago American* de Hearst (25 de Fevereiro de 1935) foi publicado como evidência da "fome-genocídio" em um artigo, baseado no de Chicago, do jornal ucraniano nacionalista *EKRAN*.

Em si mesmas, as histórias de Walker na imprensa de Hearst não foram, particularmente, exemplos excepcionais de fraude no que concerne à União Soviética. Nem foram elas as maiores obras-primas de jornalismo mesquinho produzido pela imprensa corporativa da direita. Mentiras e distorções foram escritas a respeito da União Soviética desde os dias da Revolução de Outubro, em 1917. As campanhas de imprensa anti-soviéticas aqueceram no final dos anos 20 e 30, dirigidas por aqueles que, como Hearst, queriam manter a URSS fora da Liga das Nações e isolada em todos os aspectos.

Todavia, as fotografias da fome, de Walker, são verdadeiramente notáveis em que, tendo sido expostas como embuste completo há cinquenta anos atrás, continuam sendo usadas pelos ucranianos nacionalistas e institutos de propaganda universitária como evidência do alegado genocídio. A extensão da fraude de Walker pode ser medida somente pela magnitude e longevidade da mentira que elas vêm sendo usadas para retratar.

Histórias de horror sobre a Rússia eram comuns na imprensa ocidental, particularmente entre periódicos e jornais de orientação fascista ou conservadora. Por exemplo, *the London Daily Telegram*, de 28 de Novembro de 1938, publicou uma entrevista com um Frank Eastman Woodhead que "acabara de retornar da Rússia após uma viagem que durou sete meses". Woodhead relatou ter testemunhado massacres sangrentos naquele Novembro, uma chacina que deixou "fileiras de pavorosos cadáveres".

Louis Fischer, um escritor americano para o *New Republic* e o *The Nation*, que esteve em Moscow no tempo das alegadas atrocidades, descobriu que não apenas nunca ocorreram tais eventos, mas que Woodhead deixou o país quase oito meses antes das cenas que ele alegava ter testemunhado. Fischer desafiou Woodhead e o *London Daily Telegram* nessa questão; ambos responderam com um embaraçoso silêncio.⁴

Quando os artigos de Thomas Walker apareceram na imprensa de Hearst, Fischer desconfiou - ele nunca havia ouvido falar de Walker e não conseguia encontrar ninguém que havia. Os resultados dessa investigação foram publicados no artigo do *The Nation* de 13 de Março de 1935:

Do Sr. Walker, nós somos informados que ele "entrou na Rússia na última primavera", que é a primavera de 1934. Ele viu fome. Ele fotografou as suas vítimas. Ele obteve descrições desoladoras, de primeira mão da devastação da fome. Agora, a fome na Rússia são notícias "quentes". Por que o Sr. Hearst guardou esses artigos extraordinários por dez meses antes de publicá-los? As minhas suspeitas cresceram mais profundamente...

Eu me sentia mais e mais certo de que ele era só outro Woodhead, outro absentista. E então, eu consultei as autoridades soviéticas que possuíam informação oficial de Moscow. Thomas Walker esteve na União Soviética uma vez. Ele recebeu um visto de trânsito do cônsul soviético em Londres, em 29 de Setembro de 1934. Ele entrou na URSS a partir da Polônia, por meio de trem, em Negoreloye, em 12 de Outubro de 1934. (Não na primavera de 1934, como ele diz). Ele esteve em Moscow no dia treze. Ele permaneceu em Moscow do sábado, dia treze, à quinta, dia dezoito, e então embarcou em um trem transiberiano que o levou à fronteira Soviética-Manchuriana, em 25 de Outubro de 1934, que foi o seu último dia no território soviético. O seu trem não passou por várias centenas de milhas da terra preta e dos distritos ucranianos em que ele "excursionou" e "viu" e "caminhou sobre" e "fotografou". Teria sido fisicamente impossível para o Sr. Walker, nos cinco dias entre 13 de Outubro e 18 de Outubro, ocupar um terço dos pontos que ele "descreve" por experiência pessoal. A minha

⁴ Louis Fischer, "Hearst's Russian Famine", *The Nation*, Vol. 140, No. 3636, 13 de Março de 1935.

hipótese é que ele ficou tempo o bastante em Moscow para juntar de estrangeiros amargurados a "cor local" ucraniana que ele precisava para dar aos seus artigos a verossimilhança falsa que eles possuem.

As fotografias do Sr. Walker poderiam facilmente ser datadas à fome em Volga, em 1921. Muitas delas poderiam ter sido tiradas fora da União Soviética. Elas foram tiradas em diferentes temporadas do ano... uma foto inclui árvores ou arbustos com folhas grandes. Tais folhas não poderiam ter crescido no "final da primavera", da alegada visita do Sr. Walker. Outras fotografias mostram panos de fundo do inverno e do começo do outono. Aqui está o *Journal* do vigésimo sétimo. Um menino faminto, inchado, de quinze anos, calmamente posa nu para o Sr. Walker. No próximo momento, na mesma vila, o Sr. Walker fotografa um homem que está obviamente sofrendo de frio, a despeito do seu sobretudo de pele de carneiro. O clima naquela primavera deve ter sido tão inconfiável como o Sr. Walker permitindo poses nuas em um momento e exigir casacos de pele no próximo.

Seria fácil solucionar as histórias do Sr. Walker. Elas não merecem esse esforço. A verdade é que a colheita soviética de 1933, incluindo a colheita ucraniana, em contraste com aquela de 1932, foi excelente; as coletas de impostos sobre grãos foram moderadas; e, portanto, condições até mesmo remotamente remetentes a aquelas que o Sr. Walker retrata não poderiam ter ascendido na primavera de 1934, e não ascenderam.

Fischer desafiou os motivos da imprensa de Hearst em bancar uma fraude como Walker inventando tais fabricações:

...o Sr. Walker naturalmente não contesta se os seus artigos prejudicam relações soviéticas-americanas e encorajam contra a URSS nações estrangeiras com forças armadas hostis. Mas o seu alvo real é o movimento radical americano. Esses artigos de Walker são parte da campanha anti-vermelha de Hearst. Ele sabe que o grande progresso econômico registrado pela União Soviética desde 1929, quando o mundo capitalista caiu em depressão, provê a grupos de esquerda com encorajamento espiritual e fé. O Sr. Hearst quer privá-los desse encorajamento e fé ao pintar um retrato de ruína e morte na URSS. A tentativa é transparente demais, e as mãos estão muito sujas para isso ser bem-sucedido.

Em um pós-escrito, Fischer adicionou que um Lindsay Parrott visitou a Ucrânia e escreveu que em nenhum lugar em nenhuma cidade ou vila que ele visitou "eu me deparei com quaisquer sinais dos efeitos da fome da qual correspondentes estrangeiros se deleitam em escrever a respeito". Parrott, diz Fischer, escreveu sobre a "colheita excelente" em 1933; o progresso, ele declarou, "é indisputável". Fischer termina: "As organizações de Hearst e os nazistas estão começando a trabalhar mais e mais próximos juntos. Mas eu não notei que a imprensa de Hearst tenha publicado as histórias do Sr. Parrott sobre a próspera Ucrânia soviética. O Sr. Parrott é o correspondente do Sr. Hearst em Moscow".

As fotografias incríveis acompanhando as histórias falsas de Walker também despertaram as suspeitas de James Casey, um escritor investigativo americano.

Intitulado por Hearst como tendo sido "acabadas de serem tiradas na União Soviética", as fotografias foram, na verdade, "ressuscitadas" e "rejuvenescidas":

Chefes do departamento de artes dos jornais de Hearst têm sido instruídos a desenterrar fotos de velha guerra e de pós-guerra dos arquivos... fotos tiradas quinze a dezoito anos atrás das áreas da Europa devastadas pela guerra... Algumas das fotos têm sido retocadas para parecerem como novas. Em outros casos, as fotos de velha guerra têm sido refotografadas. Como resultado, muitas delas parecem impressões.⁵

Algumas das fotografias foram eventualmente identificadas como mostrando cenas do antigo império austro-húngaro. Uma fotografia do *New York Evening Journal* (18 de Fevereiro de 1935) foi identificada por Casey como na verdade retratando um soldado da cavalaria

⁵ *Daily Worker*, 21 de Fevereiro de 1935.

australiana em pé ao lado de um cavalo morto, seguindo uma ação militar da primeira guerra mundial.⁶

Fotos falsificadas similares, Casey notou, "estão agora aparecendo no *Voelkischer Beobachter*, *Der Sturmer* e em outros materiais nazistas, e estão sendo circuladas por toda a Alemanha."⁷

Hearst e Walker estão preparados a ir a incríveis distâncias de cinismo e crueldade perversa em explorar sentimentos humanos de compaixão. Famosa entre as fotografias de Walker é a da "criança sapo", publicada com o seguinte título:

ASSUSTADOR - Abaixo de Kharhov (sic), em uma cabana de um típico camponês, chão sujo, telhado de sapê e uma peça de mobiliário, um assento, está uma menina bastante magra e o seu irmão mais velho de 21/2 anos (mostrado acima). Essa criança mais nova rastejou sobre o chão, como um sapo, e o seu pobre corpinho ficou tão deformado por falta de alimento, que não remete ao corpo de um ser humano. A sua mãe morreu quando ela tinha um ano. Essa criança nunca experimentou leite ou manteiga e somente uma vez experimentou carne.⁸

Alguém poderia da mesma forma dizer que essa foto retrata um trabalhador de socorro, em qualquer lugar da Europa, sentando em uma sala de espera de clínica com uma criança faminta ou deformada. Há algo inequivocamente urbano, não eslavo e típico do começo dos anos vinte acerca do chapéu de moça da mulher. Ademais, a mulher, que parece perfeitamente saudável, está vestida para o tempo frio, enquanto o "seu irmão" está nu. O assento possui uma traseira fornecida com suportes como um assento de escritório antiquado, dificilmente correspondente ao único mobiliário doméstico de um "típico camponês".



⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ *New York American*, 3 de Março de 1935.

A garota com a criança-sapo do Thomas Walker, *New York Evening Journal* de Hearst (19 de Fevereiro de 1935). Alegações contraditórias acerca da origem dessa foto foram apresentadas por propagandistas nazistas nos anos 30. Uma cena dos anos 20, essa foto ainda é usada amplamente como evidência da "fome-genocídio".

Da forma usada na imprensa de Hearst, essa fotografia - e outras falsificações de Walker encontradas frequentemente na campanha de fome-genocídio - foi retocada e alterada. Ela revela a aparência de ser uma cópia adulterada de uma fonte não primária, ao invés de uma impressão direta de uma negativa. Esse autor encontrou essa foto inesquecível em uma publicação do começo dos anos 20, de uma fome russa do período que seguiu a primeira guerra mundial. De qualquer forma, será lembrado que Walker nunca esteve na Ucrânia em 1932-1933.

Porções da série de 1935 de Hearst-Walker, incluindo algumas das fotos, na verdade apareceram no ano anterior, no *London Daily Express* de 6 de Agosto de 1934. Atribuída a um jovem "turista" inglês anônimo, a história inclui um relato virtualmente idêntico ao da fabricação da "criança sapo" de Walker. Entretanto, essa visão mais antiga do hoax atribui a localização do conto à Belgorod - que é na Rússia propriamente dita. Versões subsequentes do hoax ao longo das décadas relocalizam politicamente a história à Kharkov, que é, é claro, na Ucrânia.

Assim, pelo menos alguns dos relatos falsificados de Walker foram bem preparados com antecedência à sua visita soviética de outono, de 1934. Parece que os conspiradores Hearst-Walker decidiram surgir com uma série expandida e melhorada, incluindo alguns dos materiais publicados em anônimo na Grã-Bretanha. Uma pessoa conclui que a breve viagem soviética de Walker foi simplesmente uma reflexão posterior, um gesto cosmético para a já planejada publicação da série nos materiais americanos de Hearst, em 1935.

Não somente eram as fotografias uma fraude, a viagem à Ucrânia uma fraude, a série fome-genocídio de Hearst uma fraude, mas o próprio Thomas Walker era uma fraude. Deportado da Inglaterra e preso em seu retorno aos Estados Unidos em apenas meses após a série de Hearst, acabou que Thomas Walker era na verdade o condenado fugitivo Robert Green. O *New York Times* relatou: "Robert Green, um escritor dos artigos sindicados sobre as condições na Ucrânia, que foi apontado na última sexta por um grande júri federal em uma acusação de fraude de passaporte, declarou-se culpado ontem diante do juiz federal Francis G. Caffey. O juiz soube que Green era um fugitivo a partir da prisão do estado do Colorado, onde ele escapou após servir dois anos de um prazo de oito anos por falsificação".⁹

Foi revelado que Robert Green acumulou um impressionante registro criminal abrangendo três décadas. A sua trilha de crime conduziu cinco estados estadunidenses e quatro países europeus, do princípio ao fim, e incluiu condenações em acusações de violar o Mann White Slave Act no Texas, falsificação, e "embuste de casamento".¹⁰

Evidência no julgamento de Walker revelou que ele fez uma visita prévia à União Soviética em 1930, sob o nome de Thomas J. Burke. Tendo trabalhado brevemente para uma empresa de engenharia na URSS, ele foi - segundo a sua própria admissão - expulso por tentar passar clandestinamente uma força contrarrevolucionária para fora do país. Um jornalista cobrindo o julgamento notou que Walker "admitiu que as fotos da 'fome' publicadas com a sua série nos jornais de Hearst são falsas e não foram tiradas na Ucrânia, conforme anunciado".¹¹

A "evidência" da fome-genocídio trazida ao público americano por esse "notável jornalista" e "testemunha" segue viva em círculos historiográficos. O material e as alegações de Walker de seis milhões de vítimas ainda são reconhecidos e emitidos por fábricas de história, como o Fundo de Estudos Ucrâniano da Universidade de Harvard, também como pela própria mídia dos ucranianos nacionalistas. As fotografias falsas de Walker compõem a "evidência" fotográfica reproduzida com mais proeminência, associadas com as campanhas pós-guerra de fome-genocídio, a despeito do fato de que esse material foi exposto como fraudulento imediatamente seguindo o seu lançamento em 1935. Aparentemente, é sentido que os riscos

⁹ *New York Times*, 16 de Julho de 1935.

¹⁰ *Daily Worker*, 20 de Julho de 1935.

¹¹ *Ibid.*

inerentes em enganar o público são necessários para promover as elaborações de fome-genocídio.¹²

¹² Dentre as muitas publicações que usam os materiais fraudulentos de Walker como prova histórica estão: "The Soviet Famine of 1932-1934", por Dana Dalrymple, *Soviet Studies*, Janeiro de 1964; *The Ninth Circle*, por Alexa Woropay, Harvard Ukrainian Studies Fund, 1983; *The Great Famine in Ukraine: The Unknown Holocaust*, Ukrainian National Association (USA), 1983; *50 Years Ago: The Famine Holocaust in Ukraine - Terror and Human Misery as Instruments of Soviet Russian Imperialism*, por Walter Dushnyck, 1983;; *Witness: Memoirs of the Famine of 1933 in Ukraine* by Pavlo Mokohon, Anabasis, 1983; *Human Life in Russia*, por Ewald Ammende, John T. Zubal, 1984 (reimpressão da edição de 1936); *Harvest of Sorrow*, por Robert Conquest, University of Alberta Press, 1986; *Famine in the Soviet Ukraine 1932-1933: A Memorial Exhibition*, preparado por Oksana Procyk, Leonid Heretz e James E. Mace, Widener Library, Harvard University, Cambridge, Harvard College Library, 1986.

Capítulo Dois

**A Imprensa de Hearst
A Campanha Continua**